

Ambiente de rápida expansão

Com o impacto da crise hídrica nos preços, cresce interesse das empresas por negociar as condições de fornecimento

Por Roberto Rockmann — Para o Valor, de São Paulo
30/08/2021 05h01 Atualizado há 5 horas

Para entender

Diferenças na comercialização de energia no Brasil, por ambiente de negócios



Ambiente livre

Participantes
Geradoras, comercializadoras, consumidores livres e especiais

Contratação
Livres negociação entre os compradores e vendedores

Tipo de contrato
Acordo livremente estabelecido entre as partes

Preço
Acordado entre comprador e vendedor

Ambiente regulado

Participantes
Geradoras, distribuidoras e comercializadoras. As comercializadoras podem negociar energia somente nos leilões de energia

Contratação
Realizada por meio de leilões de energia promovidos pela CCEE, sob delegação da Aneel

Tipo de contrato
Regulado pela Aneel, denominado Contrato de Comercialização de Energia Elétrica no Ambiente Regulado (CCEAR)

Preço
Estabelecido no leilão

89.855 MWmed

é o volume de energia negociado no mercado livre no Brasil

Representa **64%** de toda a energia transacionada

14% foi o crescimento anual do volume*

9.232 é o número de consumidores no mercado

22.546 Mwmed

é o consumo de energia no mercado livre

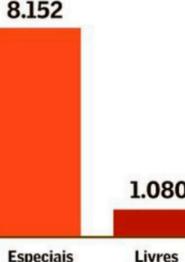
Representa **35%** de toda a energia consumida no Brasil

27,8% foi o crescimento anual no consumo*

20% é o crescimento anual de consumidores*

Consumidores

8.152



Preço pago - R\$/MWh

283



221



23% é a economia feita pelas empresas

Fontes: Abracel e CCEE. *Até junho

A crise hídrica, que afeta o setor elétrico e eleva os preços da conta de luz, reforça a tendência de crescimento do mercado livre de energia - o ambiente em que as empresas podem negociar livremente as condições do fornecimento, como preço, quantidade contratada, período de suprimento e pagamento, entre outros. Entretanto, os agentes se preocupam com a necessidade de aperfeiçoamento das regras de segurança do mercado e com os riscos existentes enquanto se faz a transição do atual modelo para o da abertura completa dos negócios no setor.

Em julho, o número de consumidores livres chegou a 9.463, um crescimento de 19% quando comparado a igual período de 2020, e no momento há mais de mil processos de adesão em andamento. A expansão do ambiente livre, nascido na década de 1990 com menos de dez empresas e hoje responsável por um terço da carga do país, não representou, entretanto, um amadurecimento das regras de segurança, tema cada vez mais relevante.

O aumento do preço da energia no mercado de curto prazo fez com que algumas comercializadoras tivessem de honrar contratos com contrapartes a valores bem mais altos que os previstos. Resultado: no início de agosto, pouco mais de dois anos depois da quebra das empresas Vega e Linkx, que resultou em rombo de R\$ 200 milhões, uma comercializadora, a Argon, ingressou com pedido de recuperação judicial na Justiça de São Paulo. Isso levantou o temor de que outras comercializadoras também estejam com dificuldades e precisem renegociar contratos.

O estresse deve perdurar até fevereiro de 2022, quando ficará mais claro o cenário de abastecimento do próximo ano. Neste momento, a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e as empresas começam a debater as regras de aperfeiçoamento, tema que já se arrasta há dois anos em meio às resistências de algumas comercializadoras.

As incertezas coincidem com um cenário que aponta crescimento futuro do mercado livre por uma série de razões. Uma delas é o avanço dos produtos financeiros como os derivativos, que fizeram sua estreia neste ano com uma plataforma exclusiva de negociação. A descarbonização com investimentos em fontes renováveis está entre as principais tendências, movimento reforçado pela pandemia em que cresceu a preocupação com a pauta ESG (boas práticas ambientais, sociais e de governança). “Há muito interesse na certificação”, diz Fernando Lopes, diretor do Instituto Totum, emissor local de certificados de energia renovável. No mercado livre, pode-se escolher a fonte que se usa, além de comprar certificados para atestar essa escolha.

De janeiro a abril foram negociados quatro milhões de certificados de energia renovável, o mesmo montante de todo o ano passado. “O futuro da energia é livre e renovável”, frisa Élbis Gannoum, presidente da Associação Brasileira da Energia Eólica, que se tornou a primeira associação a ter seu consumo certificado com uso de energia renovável.

Segunda razão: os preços no mercado livre tendem a ser mais baixos em meio à tendência de encarecimento da tarifa. Para poupar água dos reservatórios das usinas hidrelétricas, reduzir o risco de blecautes durante o período seco e aumentar a segurança do abastecimento da demanda em 2022, o governo tem acionado todas as medidas à mão. A expectativa é de que, a depender das chuvas de verão, o acionamento das térmicas a plena carga possa continuar até abril de 2022. Em paralelo, o acionamento de térmicas pressiona encargos.

A consultoria PSR estima que os Encargos de Serviços de Sistema (ESS) poderão atingir R\$ 20 bilhões neste ano. Em 2020, ficaram em R\$ 3,7 bilhões. “As pressões são fortes esse ano e em 2022”, resume Luiz Barroso, presidente da PSR. Há previsões de reajustes superiores a 15% em 2022.

A Atiaia Energia, do Grupo Cornélio Brennand, montou uma comercializadora ano passado. A empresa hoje reúne oito PCHs com cerca de 200 MW de potência. A intenção é quintuplicar a potência até 2030, com o ingresso também em energia solar e eólica. “Há interesse das empresas em autoprodução para travar o preço da energia e estamos vendo esse modelo, por exemplo, em energia solar”, afirma o presidente, Ricardo Cyrino.

A sofisticação do mercado, com derivativos e abertura do mercado de gás natural, traz novos players e acirrará a competição. A XP ingressou recentemente no segmento, enquanto a BR Distribuidora (que mudou seu nome nos últimos dias para Vibra Energia) adquiriu a Targus, estendendo sua atuação além da distribuição de combustíveis e fincando um pé no mercado de energia elétrica. Com a aquisição, a empresa pode oferecer aos clientes um portfólio completo de soluções e também contribuir para a descarbonização. Sem contabilizar o minério de ferro, escoado pelas ferrovias, as rodovias respondem pela circulação de mais de 80% dos bens produzidos no país. Os caminhões são grandes consumidores de diesel.

“Nossa comercializadora compra e vende energia renovável no mercado livre e também oferece a certificação dessa energia, o que garante ao consumidor a origem renovável da energia recebida do sistema elétrico”, diz o presidente, Wilson Ferreira Jr. “A BR ainda acompanha de perto a abertura do mercado de gás natural, que pode ser uma grande oportunidade de contribuição na descarbonização de clientes”, aponta o executivo. A geração distribuída solar é outra vertente que integra o leque de opções da empresa.

Se há dez anos os negócios das geradoras eram voltados ao mercado cativo, hoje se buscam oportunidades no mercado livre diante da retração da economia desde 2014, que fez o mercado cativo andar de lado. A CTG, que investiu nos últimos anos principalmente em hidrelétricas, agora procura diversificar sua matriz de geração. Nos próximos dois a três anos, pretende ter um portfólio de 2 GW de projetos eólicos e solares. Para isso, analisa oportunidades de aquisições no mercado secundário de empreendimentos que estejam gerando ou em desenvolvimento. Na área solar, também poderá adquirir fazendas solares, mas o modelo de negócios ainda está em estudo.

“Nossos negócios estão voltados para o mercado livre porque há incertezas em relação a novos leilões de contratação de energia para o ambiente regulado”, diz o vice-presidente, Evandro Vasconcelos. A abertura do mercado livre de energia também vem mudando a estratégia comercial da CTG, que criou uma plataforma digital de negociação ano passado, primeiro passo para a transformação do mercado de atacado para varejo. “Estamos trabalhando em uma outra versão do aplicativo para acompanhar a ampliação da abertura do mercado com precificação online e uma gestão mais simples”, diz Vasconcelos.